

CURANDO A MENTE: A ARTETERAPIA SOB A ÓTICA PROFISSIONAL

Egle Araújo Antunes¹;

Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, DF.

<http://lattes.cnpq.br/9024824590619632>

Giovanna Cristina de Almeida Cosso²;

Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, DF.

<https://lattes.cnpq.br/6092985468062575>

Ataydes Dias Magalhães³;

Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, DF.

<https://lattes.cnpq.br/4841740675796101>

Maria Luiza dos Santos Stangherlin Tavares⁴.

Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, DF.

<http://lattes.cnpq.br/5001140114184501>

RESUMO: A arteterapia, uma prática integrativa e complementar em saúde (PICS) oferecida pelo SUS, é uma abordagem terapêutica não convencional. Entretanto, mesmo possuindo o reconhecimento da OMS e da legislação brasileira (PORTARIA Nº 971, DE 03 DE MAIO DE 2006), sua aplicação como tratamento complementar enfrenta barreiras. Sob essa ótica, destaca-se a escassez de literatura científica documentando os resultados e a evolução de pacientes, o que reforça os preconceitos e estereótipos acerca da arteterapia, somando-se a uma oferta irregular da prática no âmbito da saúde pública. Nesse contexto, a coleta de dados para a presente pesquisa se deu por uma entrevista elucidativa com uma arteterapeuta, na qual foram obtidas informações sobre diversas dimensões dessa conduta a partir da perspectiva de uma psicóloga Gestalt, para assim, alcançar os objetivos propostos. Em suma, analisar seus relatos detalhados permitiu não apenas responder à pergunta central “Como os profissionais da arteterapia percebem e interpretam os aspectos terapêuticos envolvidos na evolução dos pacientes?”, mas também trazer clareza a questões sobre a eficácia e benefícios da técnica, os estigmas associados e como mitigar a desinformação acerca da arte como instrumento de cura, junto ainda a uma visão crítica sobre esse serviço em ações públicas na comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Autoconhecimento. Simbolismo. Arteterapeuta

ABSTRACT: Art therapy, an integrative and complementary health practice (PICS) offered by the SUS, is a non-conventional therapeutic approach. However, despite being recognized by the WHO and Brazilian legislation (PORTARIA Nº 971, DE 03 DE MAIO DE 2006), its application as a complementary treatment faces barriers. From this perspective, there's a scarcity of scientific literature documenting patient outcomes and progress, which reinforces prejudices and stereotypes about art therapy, in addition to an irregular offering of the practice within public health. In this context, data for the present research was collected through an elucidating interview with an art therapist, where information about various dimensions of this approach was obtained from the perspective of a Gestalt psychologist to achieve the proposed objectives. In summary, analyzing her detailed accounts allowed not only to answer the central question, "How do art therapy professionals perceive and interpret the therapeutic aspects involved in patient evolution?" but also to bring clarity to issues regarding the technique's efficacy and benefits, the associated stigmas, and how to mitigate misinformation about art as a healing tool, along with a critical view of this service in public community actions.

KEYWORDS: Self-knowledge. Symbolism. Art therapist

INTRODUÇÃO

De acordo com o Ministério da Saúde, a arteterapia tem se consolidado uma abordagem terapêutica potente dentro das práticas integrativas e complementares em saúde (PICS), que são tratamentos que consideram o paciente como um todo, e têm por objetivo prevenir agravos à saúde e promovê-la, além de serem oferecidos em 29 procedimentos diferentes de forma gratuita e integral pelo SUS (Brasil, 2006a). Desse modo, entende-se como uma abordagem importante para o tratamento da saúde mental, permitindo que os pacientes se expressem. O artigo da SciELO "Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo", apresenta a história da arteterapia e conta que Freud, médico austríaco, e Jung, psiquiatra suíço, desenvolveram a base da arteterapia, que começou por meio da análise de obras como "Moisés" de Michelangelo, onde observaram que o artista extravasava manifestações inconscientes, porém, Freud não chegou a utilizar da arte como processo terapêutico. (Andrade, 2000, p.52).

Essa conduta utiliza de recursos como desenho, pintura, modelagem, música, teatro e escrita, possibilitando que o indivíduo externalize sentimentos profundos, reflita sobre suas experiências e desenvolva o autoconhecimento de forma não verbal. Não é necessário ter habilidades técnicas ou mesmo conhecimento prévio para se beneficiar dessa abordagem. Os arteterapeutas trabalham com indivíduos, casais, famílias e grupos em diversos contextos, alguns exemplos incluem hospitais, escolas, clínicas particulares,

instalações psiquiátricas e de reabilitação, asilos, entre outros. (American Art therapy association, 1969)

O arteterapeuta é um profissional que fez um curso para aplicar essa abordagem que mescla a psicologia, a arte e outras áreas, sendo responsável por guiar os processos e criar um ambiente seguro (Krammer, 1971 como citado em Ciornai, 2004, p.28). Ele ensina o paciente sobre o autoconhecimento, como traduzir seus sentimentos, trabalhar a mobilidade do paciente, dependendo do método escolhido, compreender suas emoções durante o processo criativo e a criar autonomia por meio de suas escolhas. Também existe uma troca interessante quando o trabalho é feito em grupo, visto que outros pacientes dividem experiências, suas opiniões sobre as diferentes interpretações do mesmo trabalho artístico e apoiam uns aos outros, tudo isso auxiliado pelo profissional responsável. (Segundo Barcellos 2004, p. 152)

Entretanto, mesmo com suas práticas sendo institucionalizadas pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde, a arteterapia enfrenta diversos desafios devido ao ceticismo, à falta de ética, de profissionais qualificados, de pesquisas científicas rigorosas sobre o tema e de divulgação sobre a existência e funcionamento da prática, o que dificulta a validação de seus resultados. Ademais, ainda é uma conduta desvalorizada e desconhecida, já que é vista apenas como uma atividade recreativa, infantilizada, ineficaz, menos científica e muitos não possuem o conhecimento sobre seus benefícios e resultados em pacientes adultos e idosos. Por isso, o material terá como objetivo, através da entrevista na pesquisa em campo com um profissional da área, trazer um melhor entendimento sobre a importância dessa abordagem e apresentar informações reais sobre o processo. Ele quebrará os preconceitos e ensinará sobre a resolutividade do processo, buscando categorias emergentes que ajudem a compreender os impactos subjetivos da arteterapia, como é sua eficácia, os pontos positivos para a comunidade e qual a visão que o profissional tem sobre esse tratamento por meio de sua vivência. (Reis, 2014).

Por fim, os objetivos específicos desta pesquisa são identificar os principais desafios percebidos pelos profissionais na condução das sessões de arteterapia, refletir sobre o papel simbólico da arte na construção do vínculo entre terapeuta e paciente, entender quais indicadores comportamentais, emocionais ou simbólicos são utilizados pelos profissionais para avaliar a evolução dos pacientes, compreender o impacto da arteterapia na saúde psíquica dos indivíduos sob a visão dos profissionais e analisar os benefícios da arteterapia (Jansen et al., 2021), salientando a relevância de uma distribuição igualitária das práticas integrativas e complementares no Brasil.

OBJETIVOS

O entendimento sobre o funcionamento do SUS e a implementação das PICS em todos os níveis de atenção é de suma importância para dar embasamento a pesquisa e

para possibilitar a identificação das lacunas presentes na oferta e no acesso a arteterapia (um dos 29 procedimentos). Essas práticas utilizam diversos recursos terapêuticos, por meio de técnicas seguras, mas de forma complementar, não dispensando a necessidade da medicina convencional e considerando as necessidades individuais do paciente, colocando-o em primeiro lugar com um olhar para além dos sintomas. Além disso, essas práticas fortalecem a atenção primária e seu foco na prevenção e promoção da saúde promovem a racionalização de custos para a saúde pública, uma vez que elas auxiliam na redução do uso de medicamentos, na procura por prontos-socorros, entre outros.

Diante dessa realidade, é notável o potencial impacto da arteterapia se amplamente alcançada pela população, o que ressalta a importância de conscientizar a sociedade sobre essa abordagem, bem como garantir que o SUS entregue esse serviço de forma homogênea. Nesse contexto, também é necessário observar o papel de um profissional bem qualificado e, muito embora a profissão da arteterapia ainda não seja regulamentada no Brasil, existe um projeto de lei que pretende normatizar seu exercício, por exemplo, o art. 3º, que evidencia a necessidade do arteterapeuta possuir diploma válido de graduação em Arteterapia no Brasil ou no exterior; ter curso de formação ou pós graduação em Arteterapia, desde que respeitados “os parâmetros curriculares estabelecidos por entidade reconhecida na Classificação Brasileira das Ocupações – CBO”; ou comprove o exercício profissional por pelo menos quatro anos quando do início da vigência da lei. (PROJETO DE LEI Nº 3.416, DE 2015)

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de um relato de experiência com a finalidade de informar sobre a abordagem da arteterapia pela perspectiva do profissional entrevistada que a aplica, bem como seus benefícios na evolução clínica de pacientes em sofrimento psíquico e quebrar os estereótipos sobre a prática. Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de campo, de natureza exploratória, com abordagem qualitativa, sendo que o delineamento metodológico visa investigar a percepção da terapeuta especialista no uso da arte como ferramenta de cura. Logo, este tratamento de dados permitiu compreender de que forma as percepções práticas da profissional se alinham ou complementam as informações dos artigos, visando produzir conhecimento capaz de contribuir de forma relevante para a área e fomentar a produção científica acerca do assunto.

A pesquisa foi realizada no ateliê da terapeuta, situado no SBN Setor Bancário Norte Edifício Engenheiro Paulo Maurício, sala 1016, no DF em Brasília, Brasil. O local de atuação da profissional apresenta diversas pinturas, esculturas em argila, outros trabalhos artísticos feitos pela própria terapeuta e seus pacientes, tapetes, uma luz quente e uma mesa de centro para trabalhos que necessitam de apoio. Além disso, é um ambiente acolhedor, colorido e bem equipado com todos os materiais necessários, incluindo um cavalete para pinturas em tela. A vivência ocorreu no dia 02 de maio de 2025, às 18h00 e teve a duração

de 2h30. Durante o processo, foi feita uma entrevista sendo a profissional o público-alvo da pesquisa, na qual obtivemos informações, por meio de um questionário criado pelo grupo. No decorrer da experiência, a arteterapeuta explicou sobre suas técnicas, sobre sua formação, contou experiências, relatou superficialmente sobre alguns casos marcantes e se apresentou como uma pessoa calma, solícita com todas as perguntas e entusiasmada com a visibilidade que a pesquisa proporcionará para essa prática integrativa e complementar. Para a realização da intervenção, foram utilizados um gravador de voz, câmeras para fotografar/filmar o ambiente e as produções artísticas, junto a um caderno para anotar informações específicas.

Primeiramente, ao entrar no ateliê, encontramos a arteterapeuta no meio de uma produção criativa pintando uma tela. Além disso, ela se sentiu confortável para continuar pintando ao longo da entrevista utilizando cores vibrantes, traços livres e chamativos durante o processo. Antes de dar início às perguntas, a entrevistada apresentou seu local de trabalho (clínica e ateliê), contou a história de algumas obras autorais que estavam espalhadas pelo espaço e respondeu ao questionário esclarecendo nossas dúvidas com grande riqueza de detalhes.

Ao final do questionamento, nos foi concedida a total liberdade para fotografar o ambiente, segurar as obras em argila e, como surpresa, a entrevistada nos entregou como forma de lembrança e presente, um dos murais feitos em grupo antes da sessão em si, que foi feito com o intuito de descontrair e melhorar a interação das pessoas que participaram do processo. Levando em consideração as questões éticas, cabe ressaltar que antes da conversa ela foi informada sobre os objetivos da pesquisa e que os achados advindos da experiência seriam utilizados na produção do estudo, com a devida autorização formalizada antecipadamente por meio da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vivência decorreu da entrevista com uma arteterapeuta que se dispôs a nos receber em seu ateliê para uma conversa esclarecedora. Nesse sentido, a experiência foi guiada por um roteiro de perguntas que foram prontamente respondidas com riqueza de detalhes pela entrevistada, com um questionário voltado para elucidar lacunas acerca dos preconceitos/estereótipos, bem como salientar a importância dessa conduta terapêutica no cuidado de pacientes em sofrimento psíquico. Dessa forma, a experiência se mostra relevante a partir do momento que ela apresenta a perspectiva do profissional na arteterapia, trazendo dados cruciais para a produção da pesquisa.

Primeiramente, a arteterapeuta explicou detalhadamente sobre a preparação antes do processo, sua postura durante a atividade proposta e a sua visão sobre a evolução do grupo, assim, tivemos a compreensão sobre como funciona essa abordagem e seus vários aspectos. Dessa maneira, essas informações colhidas serão usadas para esclarecer

a comunidade sobre essa abordagem terapêutica não convencional e para quebrar os preconceitos existentes, destacando sua relevância para a sociedade e a eficácia do tratamento. Por fim, esses dados possibilitaram a análise dos benefícios da arteterapia e a investigação da relevância de uma distribuição igualitária das práticas integrativas e complementares no Brasil, já que pudemos compreender, a partir do que nos foi dito, que essa conduta terapêutica gera reflexos nas comunidades vulneráveis se levarmos em conta a evolução positiva de pacientes com depressão, por exemplo, que saíram de tendências suicidas e conseguiram voltar a uma vida com qualidade e equilíbrio emocional.

Ademais, durante a entrevista, tiveram momentos significativos, nos quais a profissional nos possibilitou um contato direto com as obras de arte do ateliê, nos guiou até a sua clínica, um ambiente acolhedor e vintage, onde encontramos obras feitas por ela, com espaço para atendimentos mais individualizados. Além disso, contou um relato marcante sobre uma paciente de 18 anos diagnosticada com depressão severa, que já havia tentado suicídio três vezes e nos contou sobre a relevância que a arte teve na vida dela, pois trabalhou sua timidez, melhorou sua capacidade de expressão e possibilitou que ela extravasasse aqueles sentimentos que tanto a incomodavam. Apesar do desafio, hodiernamente, a paciente apresentou uma grande melhora, tratando seus sentimentos nas sessões de maneira ativa e extrovertida e foi convidada para participar da sua segunda exposição com os artistas de Brasília. Em suma, essas experiências nos marcaram durante a vivência e nos trouxeram uma compreensão aprofundada e emocionante.

A atmosfera da entrevista também se mostrou acolhedora e afetiva, visto que a forma como a arteterapeuta se relacionou conosco criou uma dimensão imersiva que transcendeu a simples troca de informações. Essa vivência nos levou a refletir sobre o modo como ela conduz sua prática clínica, revelando aspectos como escuta ativa, empatia e presença genuína junto aos pacientes (elementos essenciais do acolhimento, uma das principais diretrizes da Política Nacional de Humanização do SUS). Um último nexos relevante é o livro que a entrevistada escreveu, chamado “Corpo e Criatividade”, que está atualmente em revisão, no qual ela aborda sua trajetória na arteterapia e aprofunda, com uma maior riqueza de detalhes, esta prática, bem como seus benefícios, levando adiante seus conhecimentos sobre essa abordagem tão significativa e pouco disseminada.

Destacam-se ainda as narrativas subjetivas e pessoais compartilhadas pela entrevistada, envolvendo vivências marcantes da sua trajetória profissional, relatos de casos clínicos (com o devido cuidado ético) e experiências pessoais com a arte. Logo, esses relatos funcionaram como portais simbólicos, que aprofundaram nossa compreensão da arteterapia enquanto prática humanizada, sensível e transformadora e trouxeram densidade emocional ao encontro, contribuindo para formar uma imagem concreta e vivaz do “fazer terapêutico”. Por fim, concluímos que essa experiência ultrapassou o caráter técnico e informativo de uma entrevista, tornando-se um espaço de reflexão e oferecendo um olhar mais amplo e inspirador sobre os processos de cura, o que reforça que a arteterapia pode ir muito além das técnicas convencionais, ao integrar arte e sensibilidade como caminhos

para o cuidado.

O relato da profissional entrevistada nos permite extrair diversas reflexões críticas importantes sobre a prática da arteterapia e seu papel na promoção da saúde mental, especialmente em contextos comunitários e para a quebra de estereótipos. Inicialmente, ela destaca que a arteterapia, apesar de não ser uma abordagem terapêutica convencional, possui grande valor e eficácia. Diante disso, ela também menciona que, em alguns casos, os resultados podem ser mais significativos do que os obtidos com terapias tradicionais. Desse modo, existe essa evidência que critica justamente a ideia de que apenas métodos tradicionais são válidos no cuidado em saúde mental, sugerindo que outras formas de intervenção, como a arte, também merecem reconhecimento.

Em muitos serviços públicos de saúde mental, ainda se observa uma insistência em métodos inflexíveis, biologicistas e médico centrados que atribuem um caráter menos científico e até mesmo ineficaz às práticas como arteterapia. Contrariando essa tendência, a vivência da profissional ressalta a importância de iniciativas que valorizem a singularidade de cada indivíduo e fomentem a expressão artística. Nesse cenário, a arteterapia surge como uma alternativa preciosa, promovendo uma escuta atenta e auxiliando na construção de novos caminhos de vida, podendo fazer com que esse paciente possa ter mais autonomia, conexão e propósito.

O objetivo inicial previa a realização da experiência/coleta de dados em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) que oferecesse arteterapia, mas logo encontramos os primeiros obstáculos. Foi extremamente difícil conseguir contatar um CAPS em todas as regiões administrativas do Distrito Federal em decorrência da disponibilidade de telefones de contato inexistentes ou errados por parte da Secretaria de Saúde. Outro aspecto que dificultou a realização da entrevista foi o fato de que quando conseguimos contatar algum CAPS, recebemos a devolutiva de que eles não disponibilizavam arteterapia. Essa frustração nos levou à constatação prática de uma realidade preocupante: existe uma grande lacuna na implementação e acesso às Práticas Integrativas e Complementares (PICS), como a arteterapia, no âmbito do Sistema Único de Saúde.

Diante de tantas limitações que não poderíamos solucionar, precisamos mudar a perspectiva sob a qual a nossa pesquisa se guiava. Visto que não encontraríamos as respostas que nosso estudo demandava em um CAPS, a alternativa foi buscar por um arteterapeuta na rede particular. Essa tarefa foi simples, muito embora a restrição de agenda da profissional tenha limitado sua disponibilidade em apenas um dia, à noite. Além do desafio de conciliar os horários dos participantes do grupo com a data fornecida pela terapeuta, encontramos barreiras geográficas, uma vez que seu ateliê e consultório se encontravam significativamente distantes.

Não obstante as dificuldades, o grupo enfrentou cada contratempo com bastante diligência, empenho e resiliência. Mudamos o foco da nossa pesquisa, localizamos uma profissional íntegra e incrivelmente solícita, que se dispôs a nos receber com muita paciência

e interesse pela nossa pesquisa e fizemos o possível para coletar o máximo de dados e utilizá-los com respeito e seriedade em prol do estudo ao qual nos dedicamos.

Analisando os fatores que impulsionaram positivamente a vivência, entende-se que a própria produção do artigo foi um aspecto que potencializou a nossa performance, visto que o conhecimento obtido durante as pesquisas foi de suma importância para nos capacitar e trazer embasamento para a entrevista. Soma-se a isso que preparamos as perguntas previamente de maneira estruturada e proveitosa, possibilitando que conduzíssemos a entrevista com confiança e objetividade. Embora todos esses aspectos sejam relevantes, o elemento que gerou o maior impacto positivo foi a maneira solícita, paciente e entusiasmada com que fomos acolhidos pela terapeuta, uma vez que nos foi dada permissão total para registrar com liberdade imagens do ambiente, gravar o áudio da conversa e nos foi concedido um presente (cartaz com obra feita por um dos grupos por ela atendidos), tornando nossa experiência única.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, depreende-se da argumentação desenvolvida nesse artigo sua relevância social ao apresentar os relatos da profissional, assim como sua ótica pessoal como pioneira da área em Brasília com vários anos de atuação. A psicóloga percebe e interpreta a evolução clínica de seus pacientes por meio de um processo multifacetado, que se ancora na singularidade da expressão artística como ferramenta de cura que possibilita a criação de conteúdos subjetivos, além de permitir a observação de resultados incrivelmente promissores e uma análise positiva dos casos. Essa perspectiva transcende o olhar puramente técnico, sendo intensamente marcada pelo envolvimento sensível e pela participação ativa da terapeuta durante as sessões. Cumpre ressaltar que a vivência com a profissional mostrou seu domínio de escuta e diálogo qualificados, que se mostraram ferramentas decisivas durante o acolhimento de pacientes delicados e que são aspectos indispensáveis no cuidado, segundo a PNH (Política Nacional de Humanização), em adição a toda a ambiência proporcionada em seu ateliê que gera sentimentos de segurança, conforto e leveza, cumprindo com as diretrizes dessa política nacional.

Adicionalmente, uma preocupante lacuna de pesquisa identificada no decorrer deste estudo foi a discrepância clara entre a oferta teórica e a disponibilidade prática da arteterapia nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) de Brasília. Muito embora ela seja uma Prática Integrativa e Complementar (PIC) reconhecida e fomentada pela Política Nacional (PNPIC) do SUS, a tentativa de contatar um CAPS não logrou êxito em localizar unidades em qualquer região administrativa do DF que oferecessem este serviço de forma estruturada. Esta constatação prática evidencia uma barreira alarmante na implementação da política pública e no amplo acesso dos usuários a este recurso terapêutico tão importante. Tal realidade salienta a relevância do presente artigo para compor base de dados na literatura do assunto, bem como para incentivar futuras pesquisas que mapeiem a real oferta desta

modalidade no centro-oeste e investiguem as causas desta lacuna, sejam elas quais forem.

Outra contribuição importante deste estudo reside em seu potencial para auxiliar a mitigar os preconceitos acerca da arteterapia. Alinhando-se à perspectiva da entrevistada de que a visibilidade e a divulgação são fatores cruciais para validar esta conduta, o presente trabalho quebra concepções equivocadas que rotulam a arteterapia como uma atividade infantilizada, sem rigor científico ou ineficaz ao documentar a profundidade de sua aplicação clínica e seus reflexos nos pacientes. Para a sociedade, a importância de superar essas questões é imensa, pois trata-se de legitimar uma abordagem de grande potencial terapêutico e incentivar a ampliação da oferta e acesso da população.

Em síntese, essa pesquisa representa uma coleta de informações vitais para a comunidade, tanto científica quanto para a população em geral, já que fomenta novos estudos e mudanças necessárias na oferta desse serviço no âmbito do SUS. Logo, invisibilizar o potencial terapêutico da arte como ferramenta de cura é fechar portas para uma modalidade essencial de cuidado em saúde mental e impedir a evolução da atenção básica no país através de uma prática que possui poder transformador singular, conforme evidenciado neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira**. Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, M. M. M. J. O que é arte-terapia. In M. M. M. J. Carvalho (Org.), **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia** (pp. 23-26). Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GONÇALVES, Regina Maria; KRUGER, Mônica. **A experiência como método de produção de conhecimento na extensão universitária**. In: Anais do Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 6., 2014, Belém. Belém: Universidade Federal do Pará, 2014. p. 1–10.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos, reflexões (21a ed., A. Jaffé, Ed., D. F. Silva, trad.)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LOWEN, Alexander. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1975

MILNER, Marion. **On Not Being Able to Paint**. London: Heinemann, 1950

NAUMBURG, Margaret. **Art Therapy: Its Scope and Function**. New York: Grune & Stratton, 1950

PEREIRA, Léo Fernandes; RECH, Cassiano Ricardo; MORINI, Simone. **Autonomy and integrative and complementary practices: meanings and relations through the lens of**

Primary Health Care service users and professionals. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 25, p. e200079, 2021.

RHYNE. J. **Arte e gestalt: padrões que convergem (M. B. P. Norgren, trad.)**. São Paulo: Summus, 2000.

RODRIGUES, Andréia Lilian Lima et al. **Contribuições da extensão universitária na sociedade**. Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE, v. 1, n. 2, p. 141-148, 2013.